
PARTE I

PEDAGOGIA E LITTERATURA

SUMMARIO

PARTE I — PEDAGOGIA E LITTERATURA

	PAGS.
Episodios da Historia Patria contados á infancia..	303
Brazileiras celebres.....	314

PARTE II — EXPEDIENTE DA INSTRUÇÃO PUBLICA

Expediente do Exm. Sr. Dr. Governador do Estado	335
Expediente do Exm. Sr. Dr. Secretario de Estado	338
Jornaes recebidos.....	342

Episodios da Historia Patria contados á infancia

I

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(1500)

Prestai-me, meus meninos, attenção que quero contar-vos as mais importantes passagens da nossa historia, que muito vos importa conhecer.

Foi descoberto pelos portuguezes no anno de 1500 este grande paiz denominado Brazil, quando sobre elles, reinava um venturoso monarcha chamado D. Manoel; dir vos-hei agora de que modo teve logar este acontecimento.

Voltando Vasco da Gama em 1499 de sua viagem ás Indias, determinou D. Manoel mandar uma segunda armada afim de estreitar relações de amizade com os reis do Oriente e estabelecer uma feitoria em Calicut na costa de Malabar.

Para commandante dessa armada foi escolhido um fidalgo por nome Pedro Alvares Cabral, e compunha-se ella de dez caravellas e tres navios redondos, tripulados por mil e duzentos homens.

Na vespera da sua partida (domingo 8 de Março de 1500) dirigiu se el rei com toda a sua côrte a ouvir missa na ermida de Belém, no sitio que então se

chamava *Restello*, e onde mais tarde erigiu-se o magnifico convento dos padres Jeronymos e que actualmente serve de Casa Pia.

Pregou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, e emquanto durou a solemnidade esteve arvorada sobre o altar uma bandeira com a cruz da ordem de Christo que depois de benta pelo bispo entregou-a el-rei a Pedro Alvares Cabral, com quem estivera sempre na tribuna. Acabada a cerimonia religiosa, foi a referida bandeira levada em procissão até o caes, onde o capitão-mór e os mais officiaes beijarão a mão d'el rei a quem saudava a artilheria da frota.

No dia seguinte, que se contava o de Março deixou o Tejo a maior armada que d'elle tinha até então sahido, levando o seu capitão-mór a recommendação de affastar-se da costa d'Africa por causa das calmarias.

Na altura das ilhas de *Cabo Verde*, separou-se da armada o navio de Vasco de Athayde, que foi forçado por um temporal á arribar á Lisbôa, e Cabral, depois de haver esperado por elle alguns dias, proseguiu em sua derrota.

Na segunda oitava da Paschoa (21 de Abril) começarão os navegantes á perceber alguns signaes de terra, e a 22 avistarão as summidades da serra dos *Aymorés* e uma grande montanha redonda a que o capitão-mór deu o nome de *Monte Paschoal*. No dia seguinte descobrirão um rio, depois conhecido pelo nome de *Frade*, o qual não offerecendo capacidade para ancorarem os navios, ordenou Cabral ao seu piloto Affonso Lopes que em uma das menores caravellas explorasse a costa em procura de um porto que offerecesse abrigo á armada.

Depois de dez leguas de navegação descobriu este, uma magnifica enseada conhecida pela denominação de *Corôa-Vermelha*, e tambem por *Bahia Cabralia*, em honra de Pedro Alvares.

Para conhecer a terra, que tão casualmente des-

cobrira, mandou o capitão-mór o mencionado Affonso Lopes, com dous escaleres fazer a competente exploração, o qual voltou maravilhado do paiz, e trazendo consigo dous indigenas, que encontrara pescando em uma jangada.

Nem um dos interpretes, que ião na armada, pôde entender-lhes a lingua; e o capitão-mór depois de havel-os vestido, ornando-os com bracettes de cobre, dando-lhes campainhas, espelhos e outros objectos semelhantes mandou-os pôr em terra em companhia de um degradado a quem recommendou que observasse seus usos.

Vendo a indole pacifica dos indigenas, animou-se Cabral a desembarcar em uma pequena ilha que fica á entradã do porto, no domingo da Paschoela (26 de Abril), com grande numero de companheiros e determinando que se erigisse um altar debaixo de uma grande arvore, ouvirão ahi a primeira missa que se celebrou na nossa terra, officiado Fr. Henrique de Coimbra, guardião dos franciscanos, que ião para a feitoria de Calicut, e que depois foi bispo de Ceuta.

Durante a missa e o sermão, que pregou o referido Fr. Henrique, mostrarão-se os indigenas estupefactos ajoelhando-se como os portuguezes e imitando-os em todos os actos de devoção.

Demorou-se Cabral ainda oito dias durante os quaes ouve apenas de notavel o regresso de Gaspar de Lemos com a noticia do descobrimento, e a segunda missa celebrada no dia 1.º de Maio pelo mesmo guardião dos franciscanos junto á cruz que se erigira na terra firme com o padrão das armas de D. Manoel, em testemunho de solemne posse que em seu nome tomava Cabral.

O ancoradouro dos navios recebeu o nome de *Porto-Seguro*, e toda a terra o de ilha de *Vera-Cruz* porque os descobridores não suppunhão que fosse continente, e muito menos que pertencesse á região que Colombo acabava de descobrir.

A 2 de Maio sahiu a armada de *Porto Seguro*, continuando a sua viagem para as Indias, deixando dous degradados que ficarão chorando na praia, e aos quaes consolarão os indigenas *Tupiniquins*, que assim se appellidavão os selvagens que possuem esta parte do Brazil.

Estes degradados aprenderão a lingua dos selvagens e servirão de interpretes a seus compatriotas e consta que um delles obtivera permissão de voltar a Portugal.

Assim foi descoberto o paiz em que nascestes, e para cuja grandeza e prosperidade deveis contribuir.

II

O CARAMURU'

(1510)

Diogo Alves Corrêa, natural de Vianna do Minho em Portugal, embarcando-se em uma não que se destinava á terra de Santa Cruz, para fazer o commercio do pão brazil, ou talvez para guardar a costa contra os piratas que a infestavão, naufragou no anno de 1510 junto á barra da Bahia. Todos os seus companheiros foram mortos pelos *Tupinambás*, pertencentes á grande nação dos *Tupis*, que com diversos nomes habitava o nosso paiz. Escapou milagrosamente Diogo Alvares, porque teve a felicidade de salvar uma espingarda e alguns barris de polvora, e disparando um tiro sobre um passaro que voava, fel-o cahir subitamente morto a seus pés.

Reputarão-no os indigenas um entre sobrenatural e aterrados pelo que acabavão de presenciar denominarão-no de *Caramuru'* (especie de peixe venenoso) e fugirão delle como de um animal feroz. Pôde porém o naufrago convencer-os por gestos que não lhes faria mal algum pedindo-lhes hospitalidade.

Conduzido á *taba* (aldeia) do *morubixaba* (chefe da tribo) *Itaparica*, aprendeu em pouco tempo a lingua que era um dialecto da *típica* (chamada pelos portuguezes *geral*) falada em to-fo o Brazil.

Antes de proseguir nas aventuras de Diogo Alvares, que d'ora avante chamarei de *Caramurú*, quero instruir-vos ligeiramente sobre os costumes dos *Tupinambás*, que erão com pouca differença, communs a todos os selvagens.

Começarei por explicar-vos o modo por que organisavão as suas aldeias, e como edificavão as suas habitações.

A abundancia da caça ou da pesca contribuia mais do que qualquer outro motivo para que a tribo escolhesse o lugar em que devera assentar a sua *taba*. Quatro ou seis grandes cabanas (*ócas*) cobertas de folhas de pindoba de cento e cincoenta pés de comprimento, quatorze de largura e doze de altura, servião de abrigo a vinte ou a trinta familias, e as vezes um só e immenso barracão continha duzentas pessoas. Ficava no meio uma praça para reunião das tribus.

Não se encontrava no interior dessas habitações nada que revelasse luxo, ou ainda os commodos que reputamos indispensaveis á vida. Nem um tabique, ou mesmo esteira, separava as familias, e apenas se vião suspensas a fortes esteios as *inis* (redes) em que dormião, acendia se o fogo no interior da cabana, não havendo chaminé nem janella que desse sahida á fumaça, parece incrível que a podessem supportar os indigenas, que todavia nunca dispensavão as fogueiras para alumiar-os de noite e preserval-os dos morcegos. Como vivião em continuas guerras, rara era a *taba* que não fosse fechada por uma cerca de moirões, a que appellidavam de *cahiçaras* e defendida por fojos. Dava-lhes um sinistro aspecto as caveiras dos inimigos espetadas em páos a pique como padrões da sua antropophagia.

Comprehendereis que faceis erão os meios de sub-

sistencia em tão fertil terra como a nossa. Quando lhes recusavão o seu tributo a caça e a pesca, recorrião aos legumes que em torno das suas habitações plantavão.

O inhame, o carú, o aipim e a mandioca são por elles empregados com grande proveito e julga-se que possuem processos para preparal-os, que nós são hoje desconhecidos.

A banana, tão desprezada entre nós pela sua grande abundancia, contribuia poderosamente para o seu sustento, assim como alguns fructos oleosos a que chamamos *côcos* e com especialidade os de *sapucaia*.

Desconhecendo o uso do sal moqueavão os peixes ou torrando-os até que pulverisassem, misturavão-nos com farinha.

Summamente apaixonados das bebidas espirituosas fazião excellentes licores de ananáz, cajú, gabioba e outras fructas, e preparavão com o milho e a mandioco fermentados uma bebida que chamavão *caoim*, que gozava de grande estima entre elles, aponto de destinar o seu fabrico, —privilegio das mulheres,—para as grandes festividades.

Vivendo em commum desconhecião o roubo, não considerando delicto o apossar-se do alheio. Recostados, e á parte, comião os *morubixabas* do que lhes trazião seus subditos, que de cócaras fazião outro tanto em grandes gamellas.

Posto que fosse admittida a polygamia entre os selvagens do Brazil, quasi todos se contentavam com uma só mulher, e a melhor harmonia reinava entre os habitadores de uma mesma cabana. Sua condição porém era desgraçada, como por toda a parte em que não domina o Evangelho, e muitas mãis julgavão praticar um acto de caridade afogando suas filhas ao nascer. Os mais rudes trabalhos lhes são destinados nem uma consideração merecião de seus maridos, que as tratavão como *escravas*.

Dependia unicamente da vontade do pai a sorte

da filha, e o dia de noivado celebrava-se com bachanaes.

Era considerado fausto o nascimento de um filho emquanto que o da filha passava desapercibido.

Furavão o beijo ao recém-nascido, esmagavão-lhe o nariz e deitavão-no em uma rede pondo-lhe ao lado pequenos arcos e frechas, para os habituar com as armas da guerra, esticando-lhes a miudo os braços e as pernas para tornal-os ageis.

Vejamos de que maneira fazião a guerra, que consideravão a primeira das occupações do homem.

Reunidos os selvagens na praça da aldeia expunha o mais velho os motivos que havia para a guerra que consistia quasi sempre na necessidade de fazer prisioneiros, a qual era decidida pela communitade, depois de haver escutado os eloquentes discursos dos seus oradores, sorvendo voluptuosamente os vapores do fumo que exhalava-se de um immenso cachimbo, que passava de mão em mão. Feita a escolha do chefe, que devera guial-os ao combate, seguião-se os preparativos para a campanha, quasi sempre ordenada no tempo da madureza do milho, dos aipins e dos cajús cujo licor servi lhes-hia para os festins dos sacrificios.

Figurai-vos, meus meninos, o terrivel espectaculo que apresentarião essas hordas bellicosas percorrendo as mattas virgens, atravessando os cadaulosos rios, pintados de vermelho e preto os corpos, ornadas as fronte de cocâres de pennas vermelhas e amarellas, chocalhando-lhes nos tornozellos e pés guizos que tenião como cascaveis, cingidos os rins com seus *indua-pes* (cintos de pennas), defendidos pelos seus escudos, coberto de pelle de *tapir* (anta), com longos arcos de *tacâpes* (espada de páo ferro), marchando em filas, seguidos de suas mulheres, que carregavão as provisões e as redes e fazendo echoar pelos vales e montanhas o rouco som de suas *inubias* (trombetas),

Emprehendendo quasi sempre guerras de embos-

cada, tomavão as maiores precauções para surprehenderem as aldeias inimigas, e colhendo o maior numero de prisioneiros apressavão-se em fugir com a presa. Encontravão outras vezes serias resistencias e vião-se obrigados a recorrer aos sitios, cujas regras não desconhecião, desesperados de reduzirem os seus contrarios pela fome, lançavão contra seus tectos de pindoba flechas com algodão inflammado, que reduzião a chammias suas habitações. Muítas vezes davão-se taes combates sobre as aguas do mar ou dos rios em suas *igáras* (canôas).

Era o prisioneiro exclusiva propriedade do guerreiro que podia logo dar-lhe a morte, ou fazel-o seu escravo.

Amarrado com *mussuranas* (cordas) era levado para a aldeia inimiga aguardando a hora do supplicio.

No dia para este fim apasado reunião-se os habitantes das visinhas tabas tendo sido com antecedencia preparado o indispensavel *caoim*. Raspavão-lhe as mulheres a cabeça, untando o corpo inteiro com mel, ao passo que os convidados entoavão canções e dançavão suas danças guerreiras. Findo o infernal tripudio, em que tomava parte o proprio prisioneiro, começava este o seu cantico de morte, enumerando as suas façanhas, os prisioneiros que fizera dessa mesma tribu, e aos quaes dera o destino que ora lhe preparavão. Arrastavão-no n'esse momento para fóra da *taba* e esmagava-lhe um guerreiro o craneo com a *tangapema* (maça) entregando o palpitante cadaver ás velhas para esquartegal-o, estendendo-o sobre uma especie de grelha, a qual chamavão *bucan*. Davão os miólos ás crianças e penduravão os craneos, como já vos disse, diante das portas de suas aldeias. Revelavão nelles absoluta falta de moral religiosa tão barbaras ceremonias e tão crueis usanças.

Verdade é que possuião estes selvagens noção de um Deus, a que denominavão *Tupan*, e parecião acreditar na immortalidade da alma, como manifesta-

se pelas honras que a seus mortos prestavão, cujos corpos guardavão com suas armas e ornatos em talhas de barro, (*iguaçabas*); abusavão porém da credulidade os *pagés* (sacerdotes), que vivião no meio das *tapêras* (ruínas); addicionando duplas funcções de medicos do espirito e do corpo, lhes capacitando que possuião poderes sobrenaturaes, fallavão com os espiritos, evocavão os mortos fazião agouros e outras quejandas superstições. Pronunciavão seus oraculos dançando ao som dos *maracás* (cabaças cheias de pedrinhas), e tal influencia exercião no animo dessa simples gente que aquelles a quem prognosticavão a morte finavão-se de medo.

Chamava offerendas e satisfazia a avidez do falso sacerdote o *maracá* plantado na entrada da cabana.

Destituída de dogma, moral e culto era essa religião, não se preocupando seus ministros com a instrução do povo.

Posto que electivo o cargo de *morubixaba*, quasi sempre o filho succedia ao pai, e as decisões de maior importancia tomavão-se nas assembléas. Só duras leis convinhão a barbara sociedade: a penna de Talião era a unica possível e tambem a unica adoptada.

Agora que já conheceis entre que povo vivia o *Caramurú*, continuarei a sua interrompida historia.

Antevendo os *Tupinambás* quanto lhes seria util a amizade de Diogo Alvares para as guerras que sustentavão com os *Tupinães*, que out'ora os havião expulsado do sitio designado na Bahia pelo nome de *Recancavo*, servindo de theatro ás suas correrias o terreno comprehendido entre os rios *Real* e *S. Francisco*. Todos os *morubixabas* quizerão ter a honra de se aparentarem com o estrangeiro, dando-lhe suas filhas em casamento, mas preferiu elle a formosa *Paraguassú*, filha de *Itaparica*.

Ganhando grande ascendente sobre os selvagens conseguiu que trocassem estes as suas miseraveis choças por mais commodas habitações, situando-as no lugar hoje chamado *Villa Velha*, perto da fregueziade

N. S. da Victoria, na cidade do Salvador da Bahia. Reformou igualmente os seus usos, adoçando quanto lhe foi possível, o seu character feróz.

Havendo-se ateado a guerra entre a tribu de *Itaparica* e algumas outras do districto de *Passé*, por motivos que não estão bem averiguados, decidio-se a victoria pelos alliados de *Caramurú*, apezar da inferioridade de seu numero, graças ao soccorro da sua espingarda com que matou o chefe contrario.

Semelhante acontecimento augmentou o prestigio e consideração que já gozava *Caramurú*, a cuja vontade curvavão-se reverentes os filhos das brenhas. Por largos annos viveu Diogo Alvares como os patriarchas de que nos falla a historia sagrada, tendo a fortuna de receber em sua aldeia ao primeiro donatario da Bahia Francisco Pereira Coutinho, que em 1537 ahi aportou, ajudando-o a fundar a primeira povoação portugueza no mesmo local em que residia, e a erigir uma capellinha em honra de Nossa Senhora.

Apezar de reiteirados esforços de *Caramurú* para manter a harmonia entre os seus alliados e os novos colonos parece que derão estes motivos a um rompimento donde originou-se encarniçada lucta.

Vendo diminuir-se diariamente o numero dos seus subordinados, resolveu Coutinho retirar-se para capitania de *S. Jorge dos Ilhéos* onde os *Tupiniquins* vivião em paz com os portuguezes. Parece que acompanhou Diogo Alvares ao donatario; por isso que o vemos novamente naufragar com elle nos baixos da ilha *Itaparica* (assim chamada do nome do *morubixaba*) quando a instancias dos *Tupinambás* regressava ao seu antigo dominio. Pereceu Coutinho á mãos dos seus barbaros inimigos, que lhe havião armado uma cilada, com todos os seus companheiros á axcepção do *Caramurú* salvo pela profunda veneração de que era objecto. Quando em 1549 Thomé de Souza chegou á Bahia com o titulo de primeiro governador geral do Brazil ainda achou Diogo Alvares em companhia dos *Tupi-*

nambás. Mais habil ou mais feliz que o seu predecessor, realisou Thomé de Souza a colonisação do paiz e a edificação da cidade, que por muito tempo foi a capital de todo o estado. Louvão os historiadores os serviços prestados por Diogo Alvares, seus filhos e genros, em prol da nascente colonia, havendo fallecido a 5 de Outubro de 1557.

Não vos fallei da viagem de Diogo Alvares e de *Paraguassú* á côrte de França de que tratão alguns autores, porque, com bons fundamentos, é hoje contestada, como mais tarde tereis occasião de verificar. Terminando, recommendo-vos a leitura do bellissimo poema do nosso patricio Fr. José de Santa Rita Durão denominado—*Caramurú*.

CONEGO J. C. FERNANDES PINHEIRO.

